

## ***FAZENDA PALMITAL. Da escravidão ao trabalho livre, 1885-1888.***

Rosane Carvalho Messias  
Programa de Pós Graduação Sociologia - Doutorado  
Unesp- Campus- Araraquara

### ***Fazenda Palmital. Da escravidão ao trabalho livre, 1885-1888***

Esse texto diz respeito às relações de trabalho que ocorreram na Fazenda Palmital, localizada na região de São Carlos do Pinhal, interior do Oeste Paulista, no período entre 1885 a 1888.<sup>1</sup> Examinamos através dos livros de contabilidade de fazenda as relações entre fazendeiro, escravos, imigrantes e libertos nos anos finais do regime escravista.<sup>2</sup> Procuramos trazer para a arena do debate algumas formas de organização e relações do trabalho que dificilmente apareceriam em outras fontes, tais como contratos formais de trabalho ou processo-crime envolvendo escravos e outros trabalhadores. Apesar da rigidez ou aridez das informações contábeis dos livros de administração da Fazenda Palmital, nos possibilitou examinar aspectos da “vida econômica” de diversos trabalhadores através dos pagamentos, acertos de contas e ir além dos preceitos formais de contratos. As vantagens e desvantagens inerentes às diversas modalidades de arranjos de trabalhos e tipos de trabalhadores aparecem aqui de forma mais clara. As anotações das contas nos mostraram diferenças entre colonos, libertos e escravos antes e depois da Abolição. Nossa tarefa foi confrontar os trabalhadores da fazenda pelo viés de seus gastos e ganhos.

O recorte temporal desse texto: 1885 a 1888, refere-se a uma época em que a organização da mão de obra nas fazendas cafeeiras paulistas se baseava ainda na escravidão, mas alguns fazendeiros utilizavam também o trabalhador nacional e já experimentavam um novo arranjo de relações de trabalho baseado no sistema de colonato. O colonato trata-se de um regime de trabalho livre implantado nas lavouras cafeeiras por volta da década de 1880. Esse regime foi o resultado de uma série de experiências com sistemas alternativos ao trabalho escravo- a parceria e a locação de

---

<sup>1</sup> Esse texto faz parte das análises do segundo capítulo da minha tese intitulada: “*Fazenda Palmital: da escravidão ao trabalho livre, 1885-1888.*” 2005, Araraquara. Tese (Doutorado), FCL, Unesp.

<sup>2</sup> Os livros manuscritos de contabilidade da Fazenda Palmital encontram-se no Arquivo de História Contemporânea da UFSCAR, São Carlos do Pinhal.

serviços. Essas primeiras experiências com o trabalho livre foram o esteio do regime do colonato, ou seja, contribuíram para que os fazendeiros encontrassem uma forma mais eficaz de organização da mão de obra nas lavouras.

O regime de parceria oferecia aos imigrantes uma porção de cafeeiros para que cultivassem, colhessem e beneficiassem os seus frutos. Os parceiros receberiam a metade do valor de venda do café. Era-lhes permitido produzir gêneros alimentícios em roças destinadas pelo fazendeiro. Se comercializassem os gêneros, a metade do dinheiro obtido caberia ao fazendeiro. Geralmente os fazendeiros permitiam a criação de animais domésticos. Quanto aos animais de porte era cobrado o aluguel pelo pasto. As casas onde se alojavam também eram alugadas. Todas essas despesas eram somadas com os gastos das passagens dos imigrantes para o Brasil pagos pelo fazendeiro que ainda acrescentava juros de 6% ao ano. Os contratos determinavam que, no mínimo, metade dos rendimentos anual dos parceiros deveria ser destinada para a amortização da dívida.<sup>3</sup>

A dívida inicial adquirida com o transporte para o Brasil, somado com a despesa de aluguel de casa, pastos, com os primeiros provimentos de subsistência causava um peso substancial no orçamento dos imigrantes, além de não acharem vantagem nos lucros obtidos pela venda do café. Descontentes com o sistema de parceria passaram a se dedicar mais às roças de subsistência causando baixa produtividade para os fazendeiros.<sup>4</sup> Os fazendeiros procuraram alternativas para a solução dos problemas apresentados, passaram a permitir que os imigrantes plantassem roças de milho e feijão entre as fileiras de café no intuito de incentivar a produção. Os fazendeiros conseguiram melhorar a produtividade por parte dos colonos com a implantação do sistema de locação de serviços, onde o trabalhador passou a receber por medida de café colhido e posteriormente pelo pagamento separado pela carpa, deixando de dividir com o

---

<sup>3</sup> SALLUM JR. Brásilio. *Capitalismo e cafeicultura. Oeste Paulista: 1888-1930*. São Paulo, Duas Cidades, 1982, p.74.

<sup>4</sup> Sobre a parceria e locação de serviços ver também DAVATZ, Tomas. *Memórias de um colono no Brasil, 1850*. São Paul, USP, 1972. STOLCKE, Verena. *Cafeicultura. Homens mulheres e capital, 1850-1980.*. São Paulo, Brasiliense, 1986. COSTA, Emília V. *Da senzala à colônia*. São Paulo, Difel, 1966. MARTINS José S. *O cativo da terra*. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1979. LAMOUNIER, Maria L. *Da escravidão ao trabalho livre*. Campinas, Papirus, 1986. DEAN, Warren. *Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. SALLUM JR. Op.cit.

fazendeiro o lucro com a venda do café.<sup>5</sup> Porém o problema da dívida contraída com a viagem para o Brasil ainda pesava sobre os imigrantes. Foi somente com a difusão do sistema de colonato e com a promoção da imigração subsidiada pelo governo de São Paulo, em meados de 1880, que resolveu o problema da dívida inicial. O sistema de colonato também ajudou a resolver alguns problemas do sistema de parceira e locação de serviços. Continuou o pagamento pelo café colhido e pelo trato do café, a chamada carpa. Os fazendeiros passaram a estipular em contrato a quantidade de pés que teriam que cuidar. Continuaram a permitir o plantio de milho e feijão entre as fileiras de café, mas apenas em cafezais novos.<sup>6</sup>

Holloway afirma que o imigrante passou a interessar-se mais em formar os pés de café novos, processo longo que variava de quatro a seis anos, justamente por poder utilizar o espaço entre as filas de pés de café para culturas alimentares. A concessão nos contratos de colonato para o plantio de gêneros alimentícios, destituído do direito do proprietário da metade dos proventos excedentes produzidos pelos colonos, provocou mudanças no sistema de colonato.<sup>7</sup>

Contudo, o que observamos na fazenda Palmital é que nem todos os imigrantes obtinham muitas vantagens com as roças de milho e feijão, pois alguns chegavam a comprar do fazendeiro esses gêneros alimentícios básicos. Esse fato nos instigou a examinar quais seriam os possíveis motivos. Os imigrantes recém engajados na fazenda teriam necessariamente gastos com víveres alimentícios e outros produtos básicos, pois suas roças ainda não estavam formadas e seu trabalho no cafezal era pago posteriormente, ou seja, depois de concluídos. Deve ser o caso dos novos colonos do Palmital.

A opção de alguns colonos que já estavam trabalhando no Palmital como mostra os registros dos livros de administração, em comprar gêneros alimentícios como milho e feijão na própria fazenda desvia-se do que em regra geral é apontado nos estudos, ou

---

<sup>5</sup> STOLCKE. Op. cit. p. 32

<sup>6</sup> Sobre mais detalhes do regime de colonato ver SALLUM JR, op.cit. STOLCKE, op. cit, COSTA, op. cit. DEAN, op. cit. HOLLOWAY, T. *Imigrantes para o café e sociedade em São Paulo, 1886-1934*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

<sup>7</sup> HOLLOWAY, T. "Condições do mercado de trabalho e organização nas plantações na economia cafeeira de São Paulo, 1885-1915." In *Revista de Estudos Econômicos*, São Paulo, Usp. vol 2. n.6.p. 172.

seja, que os colonos em sua maioria, além de alimentar sua família, obtinha uma renda extra vendendo esses produtos no mercado ou para o próprio fazendeiro.

Alguns colonos do Palmital podem ter tido uma colheita ruim em suas roças de subsistência tendo que recorrer ao armazém da fazenda. O que sabemos é que, por algum motivo, tiveram que comprar víveres alimentícios e isto significava dinheiro despendido ou recebimentos menores no pagamento, pois o valor do consumo seria descontado nos seus pagamentos, portanto a aquisição de gêneros nos armazéns da fazenda pesava no orçamento dos colonos refletia diretamente na sua vida econômica colocando-o em desvantagem com outros trabalhadores da fazenda.

As listas abaixo mostram os gêneros que eram comumente consumidos e comprados por parte dos colonos da Fazenda Palmital:

*Lista 1. Gêneros Alimentícios comprados por colonos no Palmital, 1885-1886*

18.07.1885	<i>1 carro de milho que vendi a Borgonovi Primo</i>	25\$000
	<i>1 carro de milho que vendi a Augusto Bremile</i>	25\$000
08.08.1885	<i>1kg de café a Eleutério Boni</i>	\$400
	<i>dinheiro que dei ao mesmo colono</i>	\$400
15.10.1885	<i>2 carros de milho a Quinto Cavanha</i>	50\$000
	<i>dinheiro ao mesmo</i>	50\$000
	<i>2 carros de milho a Ferry Leandro</i>	50\$000
	<i>dinheiro ao mesmo</i>	50\$000
08/11/1885	<i>dinheiro a Januário Luiz Machado:</i>	6\$000
	<i>½ alqueire de feijão</i>	2\$500
	<i>½ alqueire de fubá</i>	1\$000
15/11/1885	<i>dinheiro que recebi por 20 alqueires de feijão que vendi</i>	60\$000
23/11/1885	<i>dinheiro que recebi de 6 alqueires de feijão vendido a</i>	
	<i>José Candido</i>	18\$000
23/11/1885	<i>1 carro de milho vendido ao mesmo</i>	25\$000
01.02.1886	<i>Alqueire de feijão a Eleutério Boné</i>	2\$500
	<i>dinheiro ao mesmo</i>	3\$000
	<i>1 arroba de café quebrado a Quinto Cavanha</i>	3\$000
	<i>Dinheiro ao mesmo</i>	3\$000
	<i>1 alqueire de feijão que vendi</i>	6\$000
20.04.1886	<i>½ alq. De fubá a Augusto Bremille</i>	1\$000

Fonte: Livro Conta Corrente, 1885-1888. Manuscrito. AHC

Produtos adquiridos pelos colonos que não eram produzidos na Fazenda:

*Lista 2. Outros produtos comprados por colonos no Palmital, 1885-1886*

04.07.1885	15 kg de assucar mascavo a Augusto Bremile	5\$000
18.07.1885	meio kg sal a Carlos Jorge Estém	2\$000
01.08.1885	7 kg de assucar a Carlos Estém	3\$000
	dinheiro que dei ao mesmo	2\$500
08.08.1885	15 kg de assucar a João Héns	6\$000
	dinheiro que dei ao mesmo	6\$000
20.08.1885	1 peneira a Eleutério Boni	1\$000
	dinheiro que dei ao mesmo colono	1\$000
	1 peneira a Vicente Boni	1\$000
	dinheiro que dei ao mesmo colono	1\$000
	1886	
02.01.1886	2 arrobas de assucar a João Hans	10\$000
	dinheiro que dei ao mesmo	10\$000

Fonte: Livro Conta Corrente, 1885-1888. Manuscrito. AHC

Eleutério Boni, constante da lista acima, comprou em agosto de 1885 café, em fevereiro de 1886 comprou feijão, esse colono já estava na fazenda havia pelo menos seis meses. Outro exemplo, em outubro de 1885, Quinto Cavanha comprou 2 carros de milho e em fevereiro de 1886, comprava 1 alqueire de feijão. Ao que tudo indica, esses colonos, optaram neste momento por comprar gêneros do fazendeiro, ao invés de outros. Talvez o preço do fazendeiro fosse mais vantajoso, ou mais provável é o fato dos gastos com alimentos pudessem ser cobrados posteriormente, na época dos recebimentos, fizessem com que comprassem da fazenda. Observem na lista de compras de alimentos pelos colonos que em 15.10.1885, a fazenda vendeu 2 carros de milho a Quinto Cavanha por 50\$000. Logo abaixo essa quantia já constava como dinheiro recebido: “*dinheiro que dei ao mesmo colono*”. É o mesmo caso de Ferry Leandro e outros. O colono José Candido, em 23.11.1885, preferiu pagar pelo feijão e o milho do que debitar em conta: “*dinheiro que recebi de 6 alqueires de feijão vendido a José Candido 18\$00. 1 carro de milho vendido ao mesmo 25\$000*”. Mesmo preferindo pagar

à vista, era um gasto de 43\$000 réis com alimento. A quantia cobrada pelo carro de milho era a mais alta dentre os outros tipos de gêneros alimentícios.

O que vemos normalmente nos estudos são colonos que já trabalhavam há um tempo nas fazendas, obtendo renda extra com a venda de excedente de gêneros alimentícios, mas isso nem sempre acontecia, pois como vimos alguns colonos às vezes precisavam adquirir gêneros alimentícios, pois o que produziam não era suficiente para satisfazer suas necessidades.

A maior parte dos produtos comprados na fazenda compunha-se de mantimentos básicos da alimentação como açúcar mascavo, milho, sal, café, feijão, fubá, toucinho, capados e artigos necessários para o trabalho nos cafezais, como peneiras para colheita. Os produtos adquiridos eram anotados e contados como dinheiro recebido, como já ressaltamos, ou seja, uma espécie de adiantamento pelo administrador do Palmital, portanto recebiam o saldo que tinham direito.

Observe a lista com alguns colonos e o quanto receberam em outubro de 1885.

*Lista 3. Pagamento a colonos, outubro, 1885, Palmital*

*21 de Outubro de 1885: dinheiro a colonos:*

<i>colono</i>	<i>em réis</i>		
1. <i>Carlos Sabastém</i>	20\$000	11. <i>Oleano Alojo</i>	101\$375
2. <i>Luiz Bremile</i>	25\$000	12. <i>Morety Julio</i>	102\$000
3. <i>Elias Mariano</i>	27\$000	13. <i>Borgonovi Primo</i>	115\$000
4. <i>Carlos Jorge Estém</i>	30\$000	14. <i>Jorge Estém</i>	115\$000
5. <i>Ferry Leandro</i>	30\$000	15. <i>Morety Fortunato</i>	140\$000
6. <i>Oleano Leopoldo</i>	52\$250	16. <i>Negrelly Francisco</i>	182\$350.
7. <i>Augusto Bremile</i>	60\$000	17. <i>João Hans</i>	220\$000
8. <i>Gustavo Hans</i>	70\$000	18. <i>Christiano Vaideman</i>	240\$000
9. <i>João Baraldy</i>	75\$000	19. <i>Luiz Frederico</i>	320\$000
10. <i>Felipe Lindolfo</i>	89\$000		

Fonte: *Livro Conta corrente, 1885-1888*. Manuscrito. AHC

Outubro e novembro são os meses em que os “acertos de contas” dos trabalhadores do Palmital (o que coincide com o final da colheita) eram devidamente anotados no *Livro de Conta Corrente*. Este livro era um documento importante, que o Administrador apresentava ao proprietário como demonstrativo dos gastos gerais da

fazenda. Em forma de listas nominais, o administrador anotava o dinheiro pago a cada trabalhador. Do montante já tinham sido descontados os gastos, adiantamentos ou qualquer transação financeira entre a administração e o trabalhador. Por exemplo, em 15 de outubro de 1885, Ferry Leandro gastou 50\$000 réis com a compra de dois carros de milho e foi constado como dinheiro recebido. Seis dias depois, em 21 de outubro recebia 30\$000. Os 50\$000 réis gastos com o milho já foram descontados.

Portanto estas listas de contas são o resultado final do que tinham a receber naquele período, por isso o Administrador denominava de saldo de contas ou dinheiro a colonos. No Palmital a periodicidade dos pagamentos era geralmente bimestral ou trimestral, mas não havia dias especificamente determinados e nem todos os colonos recebiam no mesmo dia ou mês. Cada caso era um caso; talvez o período escolhido para o acerto esteja relacionado com a data em que foram engajados na fazenda. O que queremos ressaltar é que estas listas eram diferentes das anotações com os gastos contados como adiantamentos dos colonos que eram anotados durante os dias correntes, onde eram registrados em forma de crédito e débito.

Percebe-se claramente a diferença dos recebimentos entre os colonos em outubro de 1885. Carlos Sabastém recebeu apenas 20\$000, quantia inferior do que a fazenda cobrava pelo carro de milho que era 25\$000. Luiz Bremile, 25\$000, Elias Mariano 27\$000, Ferry Leandro e Carlos Jorge Estém 30\$000 cada um. Cinco colonos: Oleanno Leopoldo, Augusto Bremile, Felipe Lindolpho, João Baraldy, Gustavo Hans, não alcançaram a casa dos 100\$000. Os que alcançaram foram apenas quatro: Oleanno Aloj, Morety Julio, Jorge Estém e Borgovoni Primo. Ao sistematizarmos as anotações do Administrador do Palmital no *Livro de Conta Corrente*, notamos que os colonos que receberam menos **freqüentemente tinham gastado com gêneros alimentícios**, são os casos de Augusto Bremile, Borgonovi Primo, Carlos Jorge Estém, Carlos Estém e Ferry Leandro.

Na Fazenda Palmital, além dos gastos com pagamentos aos trabalhadores livres, o fazendeiro também tinha despesa com pagamentos aos seus diversos escravos, pois oferecia-lhes pecúlios por serviços extras. Em outubro de 1885, O Conde, dono do Palmital, pagou a 52 cativos um total de 482\$295 réis, em dezembro do mesmo ano, pagou a 37 escravos uma soma de 106\$000 réis, totalizando a quantia de 588\$295 réis.

Ao compulsarmos a lista de pagamentos a escravos nos meses de outubro e dezembro de 1885, podemos observar que muitos dos escravos que receberam pecúlio em outubro também receberam em dezembro.

*Lista 4. Dinheiro a escravos nos meses de outubro e dezembro de 1885*

<i>Outubro 1885</i>		<i>Dezembro 1885</i>	
<i>ao escravo em réis</i>		<i>ao escravo em réis</i>	
1	<i>Rodrigo</i> 38\$000	<i>Andre</i>	12\$500
2	<i>Pelota</i> 32\$000	<i>Jacinto</i>	9\$000
	<i>Celestino</i> 30\$000	<i>Ananias</i>	7\$500
4	<i>Lourenço</i> 23\$000	<i>Leopoldo</i>	5\$000
5	<i>Manuel Fortunato</i> 20\$000	<i>Reinaldo</i>	5\$000
6	<i>Leopoldo</i> 20\$000	<i>Antoninho</i>	4\$000
7	<i>João Crizóstemo</i> 18\$000	<i>Adriano</i>	4\$000
8	<i>Antoninho</i> 18\$000	<i>Hilário</i>	4\$000
9	<i>Ananias</i> 16\$000	<i>Manoelzinho</i>	4\$000
10	<i>Adriano</i> 15\$000	<i>Macemiano</i>	4\$000
11	<i>Jacinto</i> 15\$000	<i>Carlos</i>	3\$500
12	<i>Reinato</i> 11\$500	<i>Francisco Grande</i>	3\$000
13	<i>Francisco</i> 10\$000	<i>Lourenço</i>	3\$000
14	<i>Martimiano</i> 10\$000	<i>Manoel Fortunato</i>	3\$000
15	<i>Hilario</i> 9\$000	<i>Martimiano</i>	3\$000
16	<i>Miguel</i> 8\$000	<i>Rufino</i>	3\$000
17	<i>Gardino</i> 7\$000	<i>Theodoro</i>	3\$000
18	<i>João Cortador</i> 6\$675	<i>Celestino</i>	2\$000
19	<i>Francisco Santos</i> 6\$000	<i>Cezario</i>	2\$000
20	<i>Julião</i> 6\$000	<i>Miguel</i>	2\$000
21	<i>Pedro</i> 4\$500	<i>Rodrigo</i>	2\$000
22	<i>João Serrador</i> 4\$000	<i>Abel</i>	1\$500
23	<i>Felipe</i> 3\$120	<i>Francisco Salles</i>	1\$500
24	<i>Sypriano</i> 3\$000	<i>Felicio</i>	1\$500
25	<i>João Muleque</i> 2\$500	<i>Domingos</i>	1\$000
26	<i>Cezario</i> 2\$000	<i>Francisco Santos</i>	1\$000
27	<i>Joaquim Pedreiro</i> 2\$000	<i>Galdino</i>	1\$000
28	<i>Theodoro</i> 2\$000	<i>João Balaio</i>	1\$000